

1º COLOCADO

A Ponte

(Vagner Meira Cotrim, aluno de Licenciatura em Ciências Biológicas)

Me recordo dos tempos em que era menino.

Cidade pequena, poucas preocupações, corpo franzino.

No caminho da escola, um pequeno riacho, cuja sua travessia me apavorava.

Deu vontade de chorar, foi então que me disseram que HOMEM não chorava.

Mulherzinha! Mulherzinha! Era assim todos os dias.

Se com eles era difícil, sozinho, improvável, impossível.

Como HOMEM que era, o choro foi engolido, o medo reprimido e com orgulho estufado no peito, como se não houvesse outro jeito, o trajeto concluído.

Mal sabia naquele dia, que me transformaria naquilo que mais temia. É, eu devia ter chorado, por dentro destroçado mais por fora, eu sorria.

São tantas pontes tortas criadas ao longo do tempo, que é preciso ter coragem e muito peito.

A travessia mais perigosa de todas com destino à igualdade não distingue força bruta ou fragilidade.

É balançada por fortes e viscerais ventos de ignorância e preconceito. Mulherzinha não! Mulher, e esta tem força e desbrava o mundo por seus direitos.

Quisera eu voltar no tempo para falar a eles sobre o tal empoderamento.

Quebrar aquela velha ponte sobre o riacho, e dizer: Ei! Vamos pela estrada!

No futuro não tão distante, poderás trocar seu nome, seu sexo e ser o que você quiser.

Serão tantos novos caminhos, a ponte haverá caído e o mundo não será mais dividido entre coisas de HOMEM e de MULHER.

2º COLOCADO

Luta

(Kayane Lenzing Barbosa, aluna do 1o ano Técnico em Alimentos)

Meu corpo é minha religião
O medo minha intolerância
Não, significa não
Por que minha voz não tem devida importância?
Em nome da mãe solteira julgada
Da filha estuprada e humilhada
E do espírito da mulher morta espancada Não digamos amém,
Digamos fim à misoginia
Pois a luta é representada nos fatos
Não apenas em poesia.
Arrancam nossas lágrimas, nosso sangue e nossas roupas
A sociedade nos sexualiza
Desde cedo calam nossas bocas,
Filhas desta Pátria, mãe gentil,
Mudemos esta cultura machista presente no Brasil
Unam suas mãos e lutem!
Lutem por seus corpos, por seus direitos
Batalhem por sua felicidade, por seus desejos,
Pois se pensam que somos sexo frágil
Que mudemos tal conceito
Somos guerreiras trabalhadoras
Que a dor guardamos no peito.
Vivemos em busca de igualdade
Procuramos respeito na sociedade,
Meu lugar se encontra onde eu quiser
Porque a luta é diária
E a luta é da mulher

3º COLOCADO

Atos silenciosos do instinto da mulher

(Nilton Correia da Silva, aluno do 1o ano de Gestão em Turismo)

Fortes são os sonhos que habitam em uma mulher
Porque em seus propósitos mais medonhos
De continuarem sonhos, enfadonhos
Hão de ser feridos, rompidos, decididos
Pelos instintos de uma mulher.
Perigosos, os sinuosos caminhos desses sonhos
Nem sempre são os mais lembrados, sufocados na discriminação
Que igual aos vinhos tintos
São qualidades apreciadas que se sobressaem na intuição.
Heranças que não permanecem sufocadas, paradas em cada esquina
Mas como a busca pela beleza da flor
Ou das lutas por direitos, por trabalho, igualdade ou mesmo para suportar a dor
São silenciosamente, simplesmente, a busca da cidadania feminina!
Mulheres rurais, assédio, políticas sociais, sobrevivência
Ele, você, adolescente, afro-descendente ou quem vier
Discriminações, privações... É negra, é parda
É simples ou eclética. Há riscos de violência
São vozes em movimento... Por isso fica o “apelo”: lute como uma mulher !